



“Rei momo” e “reis de fumaça”: um encontro de Mário de Andrade com a cultura brasileira

(“Rei momo” and “reis de fumaça”: a meeting between Mário de Andrade and the brazilian culture)

Michelle Aranda Facchin¹

¹Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP

miafa@bol.com.br

***Abstract.** This paper presents a piece of analysis of the chronicle “Rei Momo”, written by Mário de Andrade. This study is based on the study about irony, developed by Linda Hutcheon and Muecke, as well as the concept of comicity, accomplished by Freud and Propp. The main objective is to demonstrate the elements of comicity responsible for producing Mário de Andrade’s criticism about some aspects of brazilian popular culture.*

***Keywords.** comicity; chronicle; brazilian culture; irony; Mário de Andrade.*

***Resumo.** O presente artigo apresenta uma análise da crônica “Rei Momo”, de Mário de Andrade, com base nos estudos da ironia, realizados por Linda Hutcheon (2000) e Muecke (1995), assim como o conceito de comicidade tratado por Freud (1996) e por Propp (1992). O principal objetivo é demonstrar os elementos do cômico atuantes na configuração da crítica de Mário de Andrade sobre aspectos da cultura popular brasileira.*

***Palavras-chave.** comicidade; crônica; cultura brasileira; ironia; Mário de Andrade.*

Uma breve análise

A crônica “Rei Momo” é construída com o uso dos elementos da narrativa, como todas as outras presentes na coletânea **Os filhos da Candinha** de Mário de Andrade. “Rei

Momo” expõe as reflexões do narrador a respeito da celebração do carnaval paulistano, entoando uma crítica sobre a alienação do povo brasileiro aos problemas sociais. Além disso, estabelece um olhar crítico e defensor da cultura nacional:

Por que não se tentar trazer de novo a São Paulo o Sultão do Meio-Sol e da Meia-Lua, das Cheganças, o Arrelequim do Bumba-meu-Boi, o Matroá fabulosíssimo dos Caiapós, ou melhor, o rei Congo e a rainha Ginga? [...]. E se repetimos diariamente os erros milenários, se eles renascem com facilidade de erva e fecundidade suína, por que não tentar o renascimento de costumes que desapareceram pela desordem dos chefes? (ANDRADE, 2008, p.150)

O narrador expõe suas opiniões sobre a celebração do rei Momo em São Paulo e recusa-se a cortejar o rei de origem europeia. Ao contrário disso, clama para a valorização do nacional: o bumba-meu-boi, o rei Congo, a rainha Ginga e outros elementos do folclore brasileiro. Após criticar o hábito brasileiro de “macaqueação”, ou seja, imitação dos erros que qualifica de “milenários”, o narrador sugere o renascimento dos costumes que desapareceram pela “desordem dos chefes”: “E se repetimos diariamente os erros milenários, se eles renascem com facilidade de erva e fecundidade suína, por que não tentar o renascimento de costumes que só desapareceram pela desordem dos chefes?” (ANDRADE, 2008, p.150).

A celebração do rei do Congo e da rainha Ginga foi assunto tratado anteriormente em um artigo de Mário de Andrade escrito na revista carioca *Lanterna Verde* (1935). Conforme demonstrado nas Congadas, os escravos trabalhavam, acreditando fazê-lo em resignação às ordens de seu rei (o rei do Congo) e não como escravos do senhor feudal.

Conforme trata o artigo crítico de Mário de Andrade intitulado “Os congos”, houve uma proliferação de reis e rainhas de Congos, principalmente pela região do Nordeste, onde eram aceitos pelo sistema da época, inclusive pela igreja católica, por possuírem, segundo Mário de Andrade, importante função a favor dos “senhores” de escravos:

[...] esses reis eram bons instrumentos nas mãos dos senhores, e excelente pára-choque entre o senhorio revoltante do senhor e a escravidão revoltada (mais revolta que revoltada...) do escravo. Nosso rei é quem manda... E os escravos obedeciam ou imaginavam obedecer aos seus reis congueses que os mandavam trabalhar. Para os reizinhos brancos. (ANDRADE, 2003, p.302-303)

Esses reis e rainhas das Congadas serviram, pois, como “reis de fumaça”, instrumentos de dominação e contenção da revolta por parte dos escravos, de modo que as congadas só eram permitidas pelos senhores de engenho por esse motivo.

Mas se o costume era negro, não é pra estranhar que o branco esperto, profano como religioso, instigasse os pretos à criação desses reinados de fumaça. Uma das peças dos Congos é sintomática disso. Reza o texto: “Nosso rei é só quem manda / Pra nós tudo trabalhar!” (ANDRADE, 2003, p.304-305)

Na crônica, essa situação de manipulação dos poderosos sobre os dominados aparece diluída pela ironia: “Dantes, as festas dadas pelos chefes pra que o povo se... se esqueça tocavam base popular.” (ANDRADE, 2008, p.150). Além disso, Mário de Andrade sugere

uma inversão da situação, por meio de uma troca de papéis, cujo cenário seria o governo resignando-se ao povo, o que daria uma justificativa melhor a essas “festas da alegria”: “Estou imaginando num rei Congo diante do qual o próprio Governador se abaixasse, pra lhe pegar o cetro caído [...] E talvez isso trouxesse pelo menos uma justificativa mais humana aos decretos oficiais de alegria” (ANDRADE, 2008, p. 151). Essa situação de o governador se abaixar diante do rei Congo é irônica, considerando-se que há um contraste entre a situação real, ou seja, a situação que geralmente conhecemos de os governadores serem reverenciados e não o contrário, e a situação que o narrador apresenta.

É justaposto o segmento textual das congadas ao segmento textual atual da crônica. Por meio desta justaposição, há uma inversão de papéis, em que o governador, supostamente detentor do poder, se vê em lugar de resignação ao rei do Congo. A ironia reside justamente em construir um olhar sobre a situação relatada, a fim de estabelecer uma postura de resignação do governador ao povo. Essa postura inversa à ordem comum entre dominador e dominados será reforçada e estimulada por meio da orientação que o cronista propõe: “Um pouco de orientação em poucos anos faria renascer tudo isso...” (ANDRADE, 2008, p.151).

“O ironista, em seu papel de ingênuo, propõe um texto, mas de tal maneira ou em tal contexto que estimulará o leitor a rejeitar o seu significado literal expresso, em favor de um significado “transliterar” não-expresso de significação contrastante.” (MUECKE, 1995, p.57). Ou seja, o que Mário de Andrade faz como ironista é estabelecer a coroação do rei Momo no carnaval como uma atividade alienadora, orientando o leitor para olhar criticamente a coroação daqueles que designa “reis de fumaça”. Para realizar esse trabalho de orientação do leitor, o escritor constrói a crônica com base na analogia à coroação do Rei do Congo, apontando a necessidade de valorização e desenvolvimento cultural no Brasil.

Ao longo da crônica, Mário tece sua crítica ao sistema político brasileiro, a ele contrapondo a atitude de alienação do brasileiro, que se “enlambuza” no carnaval, como os escravos o faziam nos Congos, e deixa de atentar para os problemas políticos: “Talvez não faça mal que, de permeio a missões de SOS financeiro e leis de segurança para os governinhos bastante perturbados, a gente se enlambuze, por uma quarta-feira apenas, com o zarcão da alegria. (ANDRADE, 2008, p. 149)”

Mário estabelece uma ambiguidade no trecho quando a ele adiciona: “O que me fez esmorecer foram as cores que logo preferi pra me enfeitar.” (Ibid.). Compreendemos esse movimento como um procedimento de estabelecimento da ironia, já que, conforme Muecke (1995, p.65) afirma, a ironia transmite a sensação de paradoxo e ambivalência e nos é apresentada como real, mesmo que naturalmente a vejamos como falsa. “Mas, ainda que vejamos o “falso” como falso, ele é, e deve ser se tiver de ser ironia, apresentado como real.” (RODWAY, apud MUECKE, 1995, p.64-65).

Assim sendo, percebemos que o real motivo de esmorecimento do narrador não são as cores que ele escolheu para enfeitar-se, mas sim o fato de o povo “enlambuzar-se” “por uma quarta-feira apenas”, alienando-se a problemas político-econômicos urgentes: “missões de SOS financeiro e leis de segurança para os governinhos bastante perturbados”.

Os governos são chamados explicitamente de “governinhos bastante perturbados”, o que caracteriza uma ironia sarcástica. Outro tipo de ironia presente no mesmo trecho é de caráter antifrástico e calcada na incoerência entre o que se disse sobre os governos e o que é dito sobre o esmorecimento do personagem. Há um jogo entre a aparência e a essência, o que Mário de Andrade realiza através de construções, como a que segue: “O que me fez esmorecer foram as cores que logo preferi pra me enfeitar”. Neste trecho, ao leitor é preciso inferir que o que entristece o narrador é a situação de alienação do brasileiro, o que é sinalizado em algumas partes do texto: “Afinal de contas, eu já cheguei também àquele alto da montanha, muito avançado no caminho da experiência, pra estar mais ou menos

desconfiado de que sempre o mundo foi de mal a pior.” (ANDRADE, 2008, p.149). Desse modo, a ironia está em mencionar algo: “positivamente o mundo vai de mal a pior”, logo após enfatizando o esmorecimento do narrador por um motivo extremamente banal: as cores da roupa do carnaval.

Conforme afirma Muecke:

Algo que é apenas aparente implica erro ou pretensão e disto derivamos a alazonia da Ironia Observável e a pretensa ingenuidade da Ironia Instrumental. Os conceitos aristotélicos de reconhecimento e inversão foram empregados para caracterizar a qualidade dinâmica da ironia na forma de um movimento que vai de uma aparência a uma “realidade” contrastante. (MUECKE, 1995, p.63)

Conforme afirma Linda Hutcheon: “Atribuir ironia envolve, assim, inferências tanto semânticas quanto avaliadoras. A aresta avaliadora da ironia nunca está ausente.” (HUTCHEON, 2000, p.29). Assim, cabe ao leitor da crônica identificar a incoerência entre os dois dizeres no trecho analisado e apreender o teor avaliativo e crítico da crônica de Mário de Andrade.

No nível do contexto circunstancial (Hutcheon, 2000), que é aquele apreendido levando-se em consideração o universo extratextual, a crônica “Rei Momo” possui um discurso implícito da política “do pão e circo” da Roma antiga, atualizado no cenário do carnaval brasileiro, que, assim como a prática romana, serve de distração do povo brasileiro e promove uma espécie de alienação sobre os assuntos políticos. Também no nível do contexto circunstancial, identificamos o discurso das Congadas africanas como uma representação da alienação aos problemas reais, centralizando a atenção em elementos sem profundidade, que o narrador da crônica menciona como “reis de fumaça”.

O narrador trata da figura do rei Momo de forma irônica: “Ora eu soube que chegou a esta cidade de São Paulo, quem? O rei Momo em pessoa. Mas eu não conheço o rei Momo, nunca tive *argent* pra ir na Europa.” (ANDRADE, 2008, p.149-150). A ironia é construída pela incongruência que existe na situação relatada pelo cronista: há um rei vindo da Europa, o que sugere reverência do narrador. No entanto, ao comentar “nunca tive *argent* pra ir na Europa”, o narrador quebra a expectativa de reverência esperada pelo leitor. Essa espécie de contradição é o que cria o efeito humorístico: “o humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele.” (FREUD, 1996, p.212). Ou seja, o leitor espera qualquer outra justificativa do narrador para o não-conhecimento do rei Momo; no entanto, o que lhe é exposto é um enunciado bem-humorado, que, ao mesmo tempo, sugere a falta de dinheiro (*argent*) do brasileiro.

O autor promove algumas manipulações na forma das palavras para construir sua crítica por meio da comicidade:

Qualquer dia havemos de ter por aí o *Bruder Alex*, o *Sultão T-Tulba* e os outros bodes expiatórios, também enlambuzados de alegria, que permitimos reinem por toda uma quarta-feira, pra que, destruindo-os depois, levem consigo o nosso mal humano. É inútil: não levam não e ignoro as cores do rei Momo europeu. (ANDRADE, 2008, p.150)

São usados nomes-montagem, que produzem, por meio da comicidade, uma crítica sobre a questão de que qualquer um pode vir ao Brasil exercer o reinado: “Era o Armirante Mascaranha e o Surtão de Trugue-e-Metrogue.” (ANDRADE, 2008, p.150)

Com base em Freud, identificamos essas construções como um “desmascaramento”, que vem a degradar a eminência inerente aos sultões. “O desmascaramento equivalerá aqui a uma advertência: tal e tal pessoa, que é admirado como um semideus, é, afinal de contas, um ser humano como você e eu.” (FREUD, 1996, p.189). Esse desmascaramento é promovido pela troca do “l” pelo “r” na palavra “sultão” e pelos nomes “T-Tulba” e “Trugue-e-Metrogue”. “A língua constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e de zombaria. [...] Deles fazem parte os trocadilhos (ou calembures), os paradoxos e as tiradas de todo tipo, a eles relacionadas, bem como algumas formas de ironia.” (PROPP, 1992, p.119). Outro caso de manipulação da linguagem está em: “o príncipe da Beira Baixa”, expressão que dessacraliza o príncipe da Beira Alta, região privilegiada de Portugal.

Esses nomes representam, de modo cômico e irônico, os “reis de fumaça”, cuja função é conter a revolta e facilitar o domínio do chefe. Seguindo o texto, percebemos que o narrador clama pela retomada dos costumes brasileiros que “desapareceram pela desordem dos chefes”, “o Arrelequim do Bumba-meu-Boi”, “o Matroá fabulosíssimo dos Caiapós”, “o rei Congo e a rainha Ginga”, dentre outros. É um apelo para que a cultura brasileira seja retomada: “Não estou censurando comissões de alegria, não é censura, é saudade. É este anseio meu, rabugento, de unir presente e passado, anseio de quem vê dia por dia o homem sempre o mesmo, incapaz de beneficiar de suas próprias experiências”. (ANDRADE, 2008, p. 150)

É explícita a crítica à falta de utilização do passado, da cultura de origem, questões brasileiras que o cronista considera “esquecidas”. Além disso, há uma sátira, no sentido entendido por Bosi (1977, p.160), uma “imprecação contra o aqui e o agora”, ou seja, contra a prática da repetição mecânica dos costumes e hábitos: “Em cada gesto humano a gente percebe sempre, não a experiência, mas a macaqueação de trezentos séculos. Repetição, tudo repetição, pra corrigir a atrasadíssima sabedoria salomônica.” (ANDRADE, 2008, p. 150). A ironia é construída pelo uso do adjetivo “atrasado” que, ligado a Salomão, figura histórica usada na crônica como elemento de autenticação do discurso, estabelece uma incongruência que, conforme estudada por Muecke, é própria da ironia instrumental. Neste tipo de ironia, são ligados dois termos incongruentes, pelo princípio da antífrase, isto é, são combinados para significarem justamente o contrário do que dizem. No trecho citado, a ironia não se mantém apenas no nível frástico, mas expande-se para a “situação” de o brasileiro imitar ações sem refletir sobre elas, questão que se confirma na crônica pelo uso do termo “macaqueação”.

A prática da imitação e da alienação brasileira é também confirmada no seguinte trecho: “Dantes, as festas dadas pelos chefes pra que o povo se... se esqueça tocavam base popular.”(ANDRADE, 2008, p.150). A ironia aqui é construída pelo uso das reticências. A informação que falta cabe ao leitor buscar, considerando o contexto da crônica. Semanticamente falta algo na frase acima. Conforme Linda Hutcheon afirma, “[...] os marcadores textuais ou contextuais são feitos para sinalizar a *presença* de ironia, o *intento* de ser irônico ou talvez simplesmente a possibilidade de a elocução ser *interpretada como* irônica?” (HUTCHEON, 2000, p.215). Ainda, ela afirma que as reticências são um tipo de eclipse e elipses são “marcadores tipográficos” que auxiliam na compreensão da “função metairônica” (HUTCHEON, 2000, p.220-225; grifos do autor)

Poderia caber no espaço das reticências qualquer coisa, inclusive algo pejorativo, como um xingamento. Esse trabalho na forma, deixada incompleta e com lacunas, reitera a crítica sobre a alienação do povo brasileiro, que sempre esquece os problemas em virtude das festividades, deixando sua história aberta.

Há também ironia na forma como o brasileiro é descrito. Brasileiro celebra “qualquer” rei que se coloque para distraí-lo, como exemplificamos: “Nascia lá no transatlântico Portugal

o, quem? O príncipe da Beira Baixa. Então estava convencionado que o brasileiro ficou alegríssimo e queria se divertir.” (ANDRADE, 2008, p.150)

A metaironia configura-se também no título da crônica. Considerando-se que Momo é uma figura dramática relacionada à sátira e à bufonaria (HOUAISS, 2001, p.1949), podemos pensar no título “Rei Momo” como uma síntese do conteúdo da crônica, já que toda ela satiriza a alienação do povo brasileiro. E, se durante a crônica são comentados os reis de ‘qualquer coisa’, reis ‘de fumaça’, por que não pensar no rei ‘da bufonaria’ como grande senhor observador deste palco ‘carnavalesco’ de inversões, de alienação e falta de senso crítico do brasileiro?

Esse contraste presente no título mantém-se ao longo da crônica e é por nós compreendido como um procedimento metairônico, que torna possível ao leitor a interação com os contextos culturais brasileiros que estão configurados não só no plano do significado, mas também na estrutura do texto ficcional.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- _____. Os congos. In: CASCUDO, Luís da Câmara (Org.). *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix; Ed. USP, 1977.
- FREITAS, M. T. de. As técnicas de autenticação do discurso. In: _____. *Literatura e história. O romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.
- FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 359 p.
- MUECKE, D.C. *A ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.